COMO NASCE UM CABRA DA PESTE

MÁRIO SOUTO MAIOR

www.soutomaior.eti.br
Mário Souto Maior Web

20-20
COMUNICAÇÃO E EDITORA

COMO NASCE UM CABRA DA PESTE

Para
Jan e Ana,
com o abraço de
Maio
1997

Souto Maior, Mário, (1920 -)
Como nasce um cabra da peste (3ª ed.). Mário Souto Maior. Recife : 20-20 Comunicação e Editora, Fortaleza: O Curumim Sem Nome, 1997. 89 p.

Inclui bibliografia
1. FOLCLORE - BRASIL

CDU 398 (81)

MÁRIO SOUTO MAIOR
da Fundação Joaquim Nabuco

COMO NASCE UM CABRA DA PESTE

3ª edição

Recife
20-20 Comunicação e Editora
Fortaleza
O Curumim Sem Nome
1997

Copyright by Mário Souto Maior

Av. Getúlio Vargas, 963
53030-010 - Olinda/PE - Brasil
Fone: (081) 429.1558
http://www.elogica.com.br/noronha/mario

20-20 Comunicação e Editora
Rua Carlos Estevão, 64 - 1° andar - Madalena
50720-050 - Recife - PE
Fone/fax: (081) 2285674

Biblioteca O Curumim sem Nome
Rua Sertão dos Inhamuns, 200
60822-770 - Fortaleza - Ceará

Projeto gráfico e capa: *Sandra Rodrigues*
Ilustração da capa: Detalhe da capa do CD produzido por Au*difax Rios* (acrílica s/ cartão)
Digitação: *Arilson Sampaio* (20-20 Comunicação e Editora)
Cortinas: Cangaceirinhos criados por *Napoleão Torquato Maia* (11anos, 6° Série do 1° grau /nanquim sobre papel)

Revisão do autor

LIVROS DO AUTOR

01 - *Meus poemas diferentes*. Prefácio de Francisco Julião. Recife: Geração Editora, 1938, 40p.

02 - *Roteiro de Bom Jardim*. Prefácio de Antônio Vilaça. Recife, 1954. (Em colaboração com Moarcyr Souto Maior), 81p.

03 - *Como nasce um cabra da peste*. São Paulo: Arquimedes Edições, 1969. 93p. (Coleção Brasil para todos, 5); 2 ed. Recife: Edições Grumete, 1984).

04 - *Antônio Silvino, capitão de trabuco*. Prefácio de Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1970. 150p. (Coleção Brasil para todos, 7).

05 - *Cachaça: história, humor, medicina, proibições religião, serenata, sinonímia, sociologia e outros aspectos da aguardente no Brasil*. Prefácio de Claribalte Passos. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Álcool, 1970. 203p. (Coleção canavieira, 3); 2.ed. Brasília, Thesaurus,1985. 118p.

06 - *O ciclo*. Prefácio de Mauro Mota. Recife: Mousinho, 1970. 34p.

07 - *Em torno de uma possível etnografia do pão*. Prefácio de Sylvio Rabelo. Recife: Edição do Autor, 1971. 95p. Inclui bibliografia.

08 - *Dicionário folclórico da cachaça*. Prefácio de José Américo de Almeida. Recife: s.ed, 1973. 144p.; 2. Ed e3 ed.Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1980 e 1985, respectivamente.

09 - *A morte na boca do povo*. Prefácio de Waldemar Valente. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974. 52. P.

10 - *Nomes próprios pouco comuns*. Prefácio de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: livraria São José, 1974; 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 3. ed. Recife, 1992, 111p.

11 - *Território da danação: o diabo na cultura popular do Nordeste.* Prefácio de Hermilo Borba Filho. Rio de Janeiro: Livraria São José , 1975. 102p. (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras).

12 - *Nordeste: a inventiva popular.* Prefácio de Manuel Diégues Júnior. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978. 139. Inclui bliografia. (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de Letras, 1976).

13 - *Dicionário do palavrão e termos afins.* Apresentação de Eliézer Rosa. Prefácio de Glberto Freyre. Recife: Ed. Guararapes, 1980. 154p. 2.ed. e3ed. Recife: Ed. Guararapes, 1980; 4ed. e 5ed. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1988/1992, 173p.

14 - *Folclorerotismo.* Recife: Edições Pirata, 1980 42p. il.; 2 ed. Recife: Edições Pirata, 1981, 50p.

15 - *Galalaus & batorés.* Recife UFPe. Ed. Universitária, 1981. 73p.

16 - *Painel folclórico do Nordeste.* Prefácio de Luís Luna. Recife: UFPe. Ed. Universitária, 1981. 143p.

17 - *Comes e bebes do Nordeste.* Introdução de Sebastião Vila Nova. Recife: FUNDAJ. Ed. Massangana, 1984. 143p. (Obras de consulta, 4). Inclui bibliografia e índice; 2ed. e 3ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1984 e1985, respectivamente; 4ed. Recife: Bagaço, 1995, 193p.

8 - *Mulheres e ruas.* Recife: Grumete Edições, 1984, 24p.

19 - *Sete estórias sem rei.* Prefácio de José Césàr Borba. Recife: Grumete Edições, 1984, 80p.

20 - *Folclore quase sempre.* Prefácio de Fernando de Mello Freyre. Recife: Grumete Edições, 1986. 128p.

21 - *Remédios populares do Nordeste.* Prefácio de Roberto Mota. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1986. 130p. (Obras de consulta, 7).

22 - *Velhos e jovens: uma folclórica rivalidade.* Recife: Grumete Edições, 1987. 50p.

23 - *Alimentação & folclóre.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988. (Prêmios Silvio Romero 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortazar, 1989), 196p.

24 - *Antologia pernambucana de folclore.* Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1988, 345p. (Em colaboração com Waldemar Valente).

25 - *Antologia da poesia popular de Pernambuco.* Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1991, 246p. (Em colaboração com Waldemar Valente.)

26 - *Antologia do carnaval do Recife.* Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1991. (Em colaboração com Leonardo Dantas Silva), 406p.

27 - *A língua na boca do povo.* Recife: FUNDAJ. Ed. Massangana, 1992 91p. (Obras de consulta, 13). Inclui bibliografia e índice.

28 - *Sogras: prós & contras e outras conversas.* Recife: Edição do autor, 1992. 112p. Inclui bibiografia.

29 - *O puxa- saco: aqui, ali & acolá.* Recife: Edição do autor, 1993. 146p. Inclui bibliografia.

30 - *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1992. (Em colaboração com Leonardo Dantas Silva), 298p.

31 - *A paisagem pernambucana*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1993. (Em colaboração com Leonardo Dantas Silva), 279p.

32 - *Três estórias de Deus quando fez o mundo*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1993; 2ed. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.

33 - *Riqueza, alimentação e folclóre do coco*. Apresentação de Felix Coluccio. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994. 100p. Inclui bibliografia e índice.

34 - *Geografia vocabular do pau através da língua portuguesa*. Prefácio de Dino Preti. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994. 128p. Inclui bibliogafia e índice.

35 - *A mulher e o homem na sabedoria popular*. Prefácio de Armando Souto Maior. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994. 99p. Inclui bibliografia e índice.

36 - *A mulher que enganou o diabo*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.

37 - *As dobras do tempo: quase memórias*. Apresentação de Jan Souto Maior. Recife: 20-20 Comunicação e Editora,1995. 226p.

38 - *O homem e o tempo*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.

39 - *Brasil x Portugal: aquele abraço*. Prefácio de Fernando Gonçalves. Recife: 20-20 e Editora, 1995. 100p.

40 - *A moça que casou com uma cobra*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.

41 - *Folclore etc & tal*. Prefácio de Eduardo Campos. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995. 124p.

42 - *Os mistérios do faz-mal*. Prefácio de Orlando Parahym. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1996. 103p.

A SAIR:

BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE
ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE (c/Waldemar Valente) 2° v.
O CARNAVAL: TEXTOS, IMAGENS & SONS (c/ Fernando Spencer e Renato Phaelante)
PEDRINHO E OS SEUS MIL CARNEIROS (infantis)

SUMÁRIO

Quem sou eu, *13*

Rapadura batida e outras complicações, *19*

Sexo e Enxoval: crendices, *25*

Cachimbo, ridasa e careta, *29*

Canja de galinha arrepiada, *35*

O parto: seus vexames e suas dores, *43*

Na alegria, o cheiro de alfazema, *61*

Referências Bibliográficas, *71*

Glossário, *75*

Opiniões sobre como nasce
um cabra da peste, *85*

Para Fernando Castro Pires de Lima
Arquimedes de Melo Neto
Renato Carneiro Campos
Gladstone Vieira Belo
Evandro Rabelo
Norlândio Meirelles
e Sílvio Pélico Filho

Para
DONA TUTU,
SINHÁ ANINHA
e
SINHÁ MARIQUINHA DO BOMBOM
– velhas parteiras nordestinas,
esta homenagem.

QUEM SOU EU

Filho de pai (Manuel Gonçalves Souto Maior) comerciante e de mãe (Maria da Mota Souto Maior, já falecida) fazendeira, nasci no dia 14 de julho de 1920, na cidade de Bom Jardim, Pernambuco, pelas mãos de sinhá Aninha, velha *comadre* muito conhecida e respeitada em toda a região. Fui um menino como todo menino nordestino. Chupei dedo, cacei passarinho e lagartixa com baladeira, joguei castanha na calçada, furtei goiabas e cajus, brinquei de Lampião e de Antônio Silvino com frutos de jurubeba, tomei leite ao pé da vaca e comi muito nambu assado na fazenda Taperinha do meu avô materno Presciliano da Mota Silveira que, com os seus 97 anos, ainda faz muita proeza. Com nove anos de idade aconteceram duas coisas na minha vida: ganhei um velocípede e me botaram na escola da professora Santinha. Foi quando cometi uma falta muito grave:

rasguei a carta de ABC (Paulina mastigou pimenta. Delfina comera araçás. A preguiça é a chave da pobreza. Que saudade...) e atirei na cara da professora, rebeldia que paguei com juros bem altos e por intermédio de uma tabica de jucá. Depois, o velocípede quebrou-se, fiz as pazes com a professora, passei para o Primeiro Livro de Lietura de Felisberto de Carvalho e para a Série Braga. Meu pai, que sempre foi um matuto muito inteligente, resolveu fazer o maior sacrifício de sua vida, comprando uma casa na rua do Hospício, no Recife e botando todos os filhos no Colégio Marista, onde passei oito anos, só saindo para fazer o curso pré-jurídico no Instituto Carneiro Leão, do Dr. César. Quando estudante no Recife fundei, com Guerra de Holanda, Nestor de Holanda, Pelópidas Soares, Sousa Leão Neto, Isaac Schachnick e outros, o jornal *Geração* e andei colaborando no suplemento literário do *Jornal do Commercio* e do *Diário de Pernambuco,* em *Fronteiras* de Manuel Lubambo, em *Nordeste* de Aderbal Jurema, em *Esfera* de Maria Jacinta, em *Vamos ler.* Convivendo com Ledo Ivo e Breno Accioly virei poeta e publiquei *Meus poemas diferentes* (1938), duzentos e cinqüenta exemplares por duzentos e cinqüenta mil réis que meu pai pagou na

tipografia do Sr. Maurício Ferreira, na rua do Rangel. Por essa época, quando fazia o Tiro de Guerra 303 da Associação Comercial, na rua da Imperatriz, a baioneta de um colega bateu no meu olho esquerdo com tanta força que ele nunca mais prestou, ficando, sem querer, colega de Camões, mesmo sem andar por mares nunca dantes navegados... Com a pancada do olho, fui passar uma temporada em Bom Jardim onde meu pai era o prefeito. Aconteceu que houve um eclipse do sol e o poeta Gomes de Moura que era o secretário da Prefeitura, em homenagem ao fenômeno, tomou um pifão tão grande que passou três dias sem aparecer no trabalho. Fui nomeado secretário, ganhando quatrocentos mil réis. Desde os quinze anos eu tinha uma namorada (que é hoje a companheira de todos os momentos) que era minha prima e como o meu pai era inimigo político do pai dela, o namoro era tipo jacaré, à distância, às escondidas, nas missas de domingo, nas novenas de maio, no circo, no cinema mudo de Antônio Lulu, carta vai e carta vem. Com o dinheiro do meu primeiro emprego comprei uma roupa de caroá e outra de carrapicho, umas camisas, um par de sapatos e guardava a sobra. Casei quando estava no terceiro ano de Direito e foi quando perdi o

emprego. Fui nomeado promotor público de Surubim e , logo depois, exerci as mesmas funções na comarca de João Alfredo, onde passei oito anos. Com a família sempre aumentando fui obrigado a deixar a literatura, uma vez que a luta pelo feijão era muito mais importante do que a luta pelo sonho. Meti o pau a trabalhar. Fui prefeito de Orobó. (Naquele tempo o povo ficava com raiva quando se dizia que Orobó era a terra onde peru dava coice, candeeiro dava choque e onde o cisco fazia a curva), agente do Censo, vendi cestas de Natal e apólices de seguro, criei galinhas, advoguei, ensinei ciências e geografia no colégio das freiras e fundei o Ginásio de Bom Jardim destinado à rapaziada pobre de minha terra completamente entregue às atividades agro-pecuárias. É que eu tinha sete filhos, sete pares de queixos batendo três vezes por dia, além da roupa, calçado, remédio e instrução. Como em Bom Jardim existiam cinco chefes políticos e todos eles eram advogados, eu só pegava questão de pobre, de pouco ganho. Cheguei a ser advogado dos presos pobres ganhando uma ninharia por mês. Com meu irmão Moacir Souto Maior publiquei *Roteiro de Bom Jardim* (1954), uma monografia sobre a terra natal. Até que um dia a vida teve que mudar com

minha nomeação para inspetor federal de ensino, quando me vi obrigado a deixar tudo para morar na cidade grande. Voltei a escrever porque Mauro Mota, diretor do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, me pediu um artigo sobre folclore. Descobri, então, o mundo maravilhoso do folclore, o meu mundo de menino. E, como numa tentativa de voltar ao passado e também para matar a saudade, comecei a trabalhar no *Cachaça,* no *Presença do alfenim no Nordeste brasileiro,* no *Como nasce um cabra da peste* e nos que ainda estão sem título. Aí está a minha vida. E entrou por uma perna de pinto, saiu por uma perna de pato, etc.

RAPADURA BATIDA E OUTRAS COMPLICAÇÕES

Quando a mulher da área rural nordestina começa a apresentar os primeiros sinais de gravidez, processa-se uma série de modificações nos hábitos da família, envolvendo todos os seus componentes.

Como acontece em toda parte, a mulher começa a ficar com o estômago embrulhado, a ter, vez por outra, um *escurecimento de vista*, uma *oura*, uma *cambrainha*, a vomitar, a enjoar a comida e as pessoas, sem achar graça em coisa alguma. Consegue, assim, aglutinar a atenção de todos de casa e até mesmo da vizinhança. É quando as comadres se desmancham em pequenas gentilezas, como:

– Leva esse tiquinho de doce de coco prá comadre Dasdores, menino. Poder ser que ela esteja com vontade de comer uma coisa diferente, hoje...

E lá se vai o menino, um olho no padre e outro na missa, conduzindo, com todo o cuidado, o pratinho coberto com um guardanapo tirado do fundo da mala.

Mas, quando a mulher começa a enjoar o marido, o pobre come o diabo! Ele tem que dormir fora do quarto, quase sempre numa rede armada no corredor. Não come à mesa para não sentar perto da mulher, que fica se queixando do seu cheiro de curral, de cavalo, de bosta de boi.

Um bom remédio para o enjôo da mulheres grávidas é água de coco verde, ou chá de folha de uva. Mas, para a mulher enjoada do marido nada como dar para ela cheirar uma ceroula usada por ele. [1] Dizem que é um santo remédio...

É chegada, também, a hora do *desejo*, quando a mulher, além de passar a gostar de coisas que antes não lhe apeteciam, começa a ter vontades difíceis, como chupar frutas fora da época, a querer comer guloseimas que não podem ser encontradas, como pamonha no verão. O marido, a família e as comadres da vizinhança fazem o que podem. Portadores são despachados com as incumbências mais variadas: procurar rapadura *batida*, meio quilo de lingüiça magra, bacalhau de caixa ou até mesmo

massa de sopa em forma de coração. Tudo isso porque ela não pode sofrer a insatisfação do *desejo*, sob pena de perder a *barriga*, de abortar.

O primeiro, entretanto, a sentir essas modificações é o filho mais novo, o *caçula*, que deixa de ser o alvo de todas as atenções para ceder seu lugar ao esperado que fica cheio de direitos, mesmo antes de haver chegado. É o povo de casa que começa a dizer que ele vai *ficar no canto*. O pobrezinho começa a ver tudo se modificando, escutando as conversas que giram em torno do esperado e passa a sentir a dor psicológica de perder a caçulagem, de ficar à margem da vida da família como um brinquedo quebrado ou uma bola de soprar já furada.

O caçula é a única pessoa que não sente alegria quando se fala no que vai chegar. Fica triste, macambúzio, andando pelos cantos, chorando às escondidas, sem saber o que faça.

E, nas fazendas, nas vilas e pequenas cidades do interior, onde as relações sociais são mais modestas e os pais mais rudes e sem instrução nunca ouviram falar de psicologia infantil, é que o problema se torna mais cruel e ainda se agiganta mais na

imaginação daquele que vai perder o trono.

A chegada do novo irmão, que passará a ganhar os cavalos feitos de cambão de milho, a comer o coração da galinha nos almoços domingueiros, a sentar no colo do pai depois das refeições enquanto ele fuma seu cigarro de palha, a ganhar as frutas mais maduras ou o carneirinho mais bonito ou a baladeira de galho de goiabeira, cresce, ante seus olhos de criança que sofre, a primeira decepção na vida tão atribulada que lhe está reservada.

SEXO E ENXOVAL: CRENDICES

O enxoval começa a ser preparado no quinto ou sexto mês de gestação. Mas, para que sejam feitos os *timões* é preciso que se saiba ou que se tenha uma idéia do sexo do esperado.

Todo mundo sabe que se a barriga da mulher ficar redonda, será uma menina. E se for pontuda, nascerá um menino.

Manda-se, também, que a mulher fique em pé, encostada numa parede e pede-se que ela comece a andar. O sexo da criança dependerá do primeiro passo: se for dado com o pé direito, será do sexo masculino e, se for dado com o pé esquerdo, será do sexo oposto.

Para se saber o sexo do filho em gestação, "a futura mãe leva ao fogo, para cozinhar, o coração de uma galinha, tendo antes o cuidado de abrir-lhe uma das

extremidades. Se depois de cozido o coração se conservar aberto, a criança será do sexo feminino; se fechar – não haverá mais dúvida: nascerá um menino", é o que nos afirma o escritor e folclorista cearense Eduardo Campos [2] no seu magnífico trabalho sobre superstições, crendices e meizinhas populares no Nordeste.

Já o também renomado folclorista potiguar Veríssimo de Mello [3] recolheu esta crendice no Rio Grande do Norte, realmente muito interessante: "A primeira pessoa que bater em casa, no momento em que a mulher começa a cortar o enxoval do filho, também indicará o seu sexo: se for um homem, a criança será do sexo masculino; se for mulher, do sexo feminino".

Outra maneira de se saber qual o sexo do esperado é pelo movimento que os fetos fazem no ventre das mães: se for muito buliçoso, será menino com toda a certeza, o que não acontecerá se não existir quase movimentação, quando tudo indica que nascerá uma menina.

Pelo bico do seio da gestante também é possível saber o sexo do futuro rebento: se a coroa que se forma ao seu redor for escura, será homem e, se for clara, quase natural, será mulher.

CACHIMBO, RISADA E CARETA

De conformidade com o formato da barriga e com os movimentos do feto no ventre materno, depois das experiências feitas na parede e com o coração da galinha, observada, ainda, a mancha que se forma em torno do bico do seio, tem-se uma idéia do sexo do futuro bebê e é então que surge o problema do enxoval.

Na confecção dos timões e das toucas, a cor é uma decorrência do sexo. Se os prognósticos significarem que o feto será um menino macho, há uma predominância do azul, o que não acontecerá se tudo indicar que seja uma mulher, quando a cor será rosa.

Começam, então, os trabalhos da confecção do enxoval, quando serão usados os *bicos* e as rendas mais delicados, as flanelas mais macias, quando a mãe é toda ternura, uma ternura relativa às posses da

família. Compridos e bordados *timões* e outras peças são encomendados às bordadeiras do lugar e até mesmo de fora, que se esmeram, o melhor que podem, no sentido de atender às exigências da futura mãe.

Pagãos de lã ou mesmo feitos com o pano dos sacos de açúcar ou de farinha de trigo comprados nas padarias e mercearias da cidade, babadouros os mais variados, fraldas em quantidade, toucas enfeitadas com laços de fita ou até mesmo feitas com o bocal das meias femininas para proteger a cabeça dos bebês contra os rigores do inverno e também para que eles não fiquem com as orelhas acabanadas, são peças indispensáveis ao nascimento do esperado.

Outrossim, será de bom alvitre *deitar* logo a primeira galinha choca que aparecer para começar logo o trabalho de transformar ovos numa ninhada de pintos, futuros *capões* indispensáveis ao *resguardo*, quando a mulher *descansar*.

O marido, por sua vez, vai logo cuidando de preparar o cachimbo, bebida própria da ocasião e que é, conforme o testemunho de Graciliano Ramos,[4] uma "mistura de aguardente e mel de abelha dos cortiços pendurados no alpendre".

O *cachimbo* preparado para a *cachimbada* que o dono da casa habitualmente oferece aos que vêm visitar o novo herdeiro deve ser feito com mel de abelha uruçu e *aguardente de cabeça,* da boa, da que faz *colarinho* quando despejada no copo ou sacolejada.

Geralmente, dois tipos de *cachimbo* são feitos: um, mais fraco, para ser servido às mulheres e mocinhas, e outro, com maior percentagem de cachaça, destinado aos homens e rapazes. E, para que fique bem *curtido* e muito mais gostoso, o *cachimbo* deve ser preparado com uma certa antecedência.

Ainda sobre o *cachimbo* ou, mais propriamente, sobre a arte de tomá-lo, é interessante obedecer à etiqueta: quando qualquer pessoa tomar uma dose de *cachimbo* servido, a rigor, pelo dono da casa que é o pai da criança e em ocasião própria, manda o ritual que se faça uma pequena careta seguida do clássico pigarro, exagerado o seu ruído gutural. As mulheres, então, ainda exageram mais na careta e riem, demonstrando que a bebida está forte e muito gostosa.

CANJA DE GALINHA ARREPIADA

Desde que são constatados os sinais da gravidez, a mulher passa a gozar uma situação privilegiada e a merecer cuidados especiais que ainda mais aumentam à medida que os meses se passam, transformando-se no centro da atenção de toda família.

Entre as mulheres de todas as classes sociais, nesse período em que se aproximam tanto das coisas que parecem pertencer mais a um mundo místico, quando ficam mais perto do céu do que da terra, a instrução e até mesmo a posição social que desfrutam não impedem que obedeçam, mesmo veladamente, a certas crendices e superstições quase sempre, respeitadas apesar da religiosidade de nossa gente.

O mestre Luís da Câmara Cascudo nos fala dessas crendices por ele colhidas no Nordeste, com o carinho costumeiro que

sempre dedica às pesquisas que tem realizado sobre os mais variados temas ligados ao nosso folclore. Vejamos algumas delas, ainda muito comuns entre nós:

– A mulher grávida não deve colocar objeto sobre o seio porque o filho trará impressão na carne. A chave provocará na criança um lábio leporino.

– Se a mãe olhar um eclipse, o filho nascerá com uma meia lua no rosto ou em alguma parte do corpo.

– A medalha fará um sinal, uma pinta escura.

– Não deve a mulher que espera criança olhar para animais mortos, caveiras, podridões, nada que a impressione porque refletirá sobre o corpo do filho, fazendo-o feio, contorto, de estômago ruim, aleijado.

– Não deve atravessar água corrente.

– Não pode ser madrinha de criança porque ficará sempre fraquinha.

– Se pisar numa cobra, esta morrerá.

– Se visitar uma pessoa mordida de cobra, o doente morrerá.

– Se tiver um susto, o marido deve lavar imediatamente o rosto e dar água para a mulher beber.

– Não é bom comer fruta gêmea para não ter parto duplo.

– Quem prometer objeto a mulher grávida e não cumprir a promessa, ficará com o rosto cheio de espinhas.

– Se a mulher brincar com macaco, gato, cachorro ou qualquer animal de pelo, o filho poderá nascer muito cabeludo e parecido com um desses bichos.

– A mulher grávida não deve olhar para escamas de peixe, porque se o fizer não será feliz no resguardo, nem pisá-las, porque não deitará a placenta.

Às do mestre Cascudo, Eduardo Campos ajuntou outras por ele colhidas no Ceará:

– Mulher prenhe não deve passar por cima de uma corda estendida. Pode trazer

esse ato complicações bastante sérias para ela na hora do parto.

– Mulher grávida, de alguns meses, não deve também passar por baixo de escada, principalmente se encostada à parede, porque azará.

– Conservar-se sentada, preguiçosamente, depois do terceiro mês, é sinal de que o menino vai ficar encravado, tornando-se caso muito sério para o parto.

– Mulher prenhe não deve olhar para eclipse. Nascer-lhe-á o menino com defeito físico, se não vier preto.

– Se o menino chorar na barriga é sinal de que vai ser adivinho.

– Amarrar um pano na cintura é de bom alvitre para que o menino não nasça antes do tempo.

– Mulher prenhe não deve sentar-se em batente alto, sob pena de ter a placenta endurecida.

– A mulher que espera dar à luz uma

criança deve andar, pelo menos, uma vez por semana, de quatro pés, como um quadrúpede, no interior de sua alcova. Tal prática ser-lhe-á de grande proveito.

– Na gestação a mulher deve somente pensar em coisas boas e desde logo entregar o sucesso do parto a uma santa de sua devoção. Por essa razão, antigamente, era costume batizarem-se as crianças tomando-se por padrinhos os santos da igreja.

Nas proximidades do parto é aconselhável dar à gestante canja de galinha arrepiada para ir abrindo as carnes, facilitando as coisas. É tiro e queda.

O PARTO: SEUS VEXAMES E SUAS DORES

Assim que começam as dores do parto as crianças são mandadas para a casa dos parentes ou vizinhos, principalmente quando a mulher é mofina e faz muito barulho.

Lembra o mestre Cascudo7 que: " Uma exigência antiga era que o parto se desse na penumbra, com pouca luz para o recém-nascido não ter gênio vivo, impulsivo, arrebatado. A mulher devia usar meias; muitas vezes só as usava nessa contingência protocolar. E amarrava a cabeça com um pano branco. Pano de cor era proibido. O marido não devia assistir ao parto para não *vexar*, apressar demasiado".

E logo que a mulher conhece que chegou a hora, sai uma pessoa no cavalo mais veloz para chamar a parteira que, na maioria das vezes ou quase sempre, é uma

mulher de certa idade, mera curiosa na arte de botar gente no mundo e, segundo registrou Raimundo Girão,[8] "também chamada *cachimbeira, aparadeira ou comadre.*"

No caminho e até chegar à casa da parturiente, a *comadre* vai rezando, com fé em Deus:

– Deus vos salve, Casa Santa
Onde Deus fez a morada,
Onde tá o calis bento
E a hóstia consagrada...

Depois de chegar à casa da parturiente, a primeira coisa a fazer é amarrar a oração, que já traz escrita num pedaço de papel, no pescoço da paciente. É um santo remédio para facilitar as coisas, afirma dona Tutu, *comadré* que conta 89 anos de idade e que iniciou suas atividades aos 19, ajudando muita gente a nascer nos mundos de Feijão, Chã do Arroz, Balança e Camará, de Bom Jardim, Pernambuco.

A notícia corre logo.

– Sabe? A comadre Dasdores *está nas baratas...*

A casa fica cheia de gente. Os parentes, as vizinhas, as comadres, todas solícitas, fazem tudo para ajudar. Na cozinha, a panela cheia ferve a todo vapor, com o de comer prá todos. O marido, não sabe o que faça, recebendo as pessoas, mandando servir um cafezinho, inútil.

A conversa gira em torno de parto, é claro. São lembrados fatos, casos, *acontescências*. As mulheres mais velhas são donas do assunto. Lembram que o físico da mulher tem muita influência para que o parto seja bom, sem complicações. Mulher de mãos finas e pernas grossas, significa parto difícil, com muito sofrer e até perigo de vida. Mulher da boca grande, pare logo. Mulher de quadris estreitos sempre costuma ter parto horroroso, lembra alguém.

Para aumentar as dores, dona Tutu tem um remédio infalível que também serve para dilatar a bacia: bota-se um pouco d'água para ferver com uns carocinhos de pimenta do reino e cominho, para ser tomado o chá ainda morno. Logo em seguida, assa-se uma cebola branca que, depois de picada em uma quenga de coco, deverá ser o pó esfregado nas *cadeiras* e no pubis da mulher. Depois, passa-se álcool onde foi dada a esfregação. É um remédio excelente para espertar e

aumentar as dores, quando são poucas.

Mandam, também, quando a criança não quer nascer, fazer o seguinte:

– Vestir a camisa do marido, às avessas.

– Dar à parturiente uma boa dose de *torrado* para ela espirrar. Ajuda muito.

– Na cabeça da mulher botar o chapéu do marido e vestir sua ceroula.

– Soprar numa garrafa.

O folclorista Gonçalves Fernandes[9] acrescenta:

– Chamar uma Maria virgem para bater nos quadris da mulher, com força.

– Botar um defumador por baixo da saia da mulher.

– Pô-la num *cavalete de parir.*

– Pendurá-la pelas axilas, com o auxílio de cordas.

– Mandar o marido dar tantos nós quantos forem possíveis na fralda da camisa, montar num cavalo de pau feito com um cabo de vassoura e esquipar em volta da casa. Antes, é bom ter o cuidado de por o chapéu na cabeça da mulher, o que é indispensável para o êxito.

Em recente trabalho que trouxe valiosa e interessante contribuição para o estudo da medicina folclórica, o médico cearense Jósa Magalhães[10] colheu, entre seus clientes, este remédio muito bom para facilitar a expulsão do feto: um gole de vinho aquecido ao fogo e cachaça com cinza de fogão.

Já Monteiro Lobato[11] falava nesta receita para parto difícil e que Jósa Magalhães também colheu no Ceará: "Num parto difícil nada tão eficaz como engolir três caroços de feijão mouro, ao passo que a parturiente veste pelo avesso a camisa do marido e põe na cabeça o seu chapéu, também pelo avesso".

Conta Jósa Magalhães o caso de Rita Façanha da Silva, do Departamento Estadual da Criança, em Fortaleza "que quase morrera ao vir-lhe o quinto filho. Não havia jeito de se despachar, a parteira esvaziara todos os seus recursos e o marido não queria nem ouvir falar de Maternidade. Finalmente, por

sugestão de pessoa presente, deitou-se no chão (a mulher) e o marido, por três vezes, passou sobre ela da esquerda para a direita, da direita para a esquerda e novamente da esquerda para a direita dizendo: Ave Maria concebida sem pecado, cada vez que por cima passava. Com isso veio um puxo forte e o menino de súbito nasceu". E o que lhe informou o enfermeiro Elísio, funcionário do DEC: "Quando a parturiente sofre e a criança retarda a nascer, o marido mete-se numa camisola da esposa, acende o cachimbo com um tição retirado do fogão, chega-se à janela, aspira a fumaça e vai saltando repetidas vezes e dizendo repetidas vezes o seguinte: – Vai fumaça, faça com que meu filho nasça".

Dona Tutu aconselha a parturiente rezar, quando o parto for brabo, difícil mesmo, a seguinte oração: "*Securrida* e apressada foi a Virge aos pés da cruz. Eu, corrida e aflita, valha-me a Mãe de Jesus. Vós não fosse aquela que dissesse por vossa boca sagrada que, quem pelo vosso nome chamasse 150 vezes por dia que vós le valeria? Esta é a ocasião de vós valer os penitentes".

– "Agora, é preciso ter todo o cuidado",

recomenda dona Tutu: "Se errar esta oração na hora aflita, é morte certa!"

A enfermeira Guiomar conta, segundo relata Jósa Magalhães que, em Pacatuba, no Ceará, "viu depenar uma galinha choca, de cor preta, em seguida abrí-la de meio a meio, e colocá-la nos quartos de uma parturiente que sofria dores, afim de favorecer-lhe o parto".

Leonardo Mota[12] que palmilhou todo o Nordeste recolhendo material para seus livros e conferências conta que: "A dona Chiquinha, mulher do capitão Quinca, estava prá dar à luz, mas não havia meio de o menino nascer. Depois de muito trabalho, a criatura teve uma criança. Mas nada de as dores passarem. Aí foi que as parteiras repararam que a barriga era de dois. Porém nada de o outro gêmeo nascer. As parteiras e as mulheres da vizinhança não sabiam mais o que fizessem; não havia reza que servisse; a casa estava num reboliço; o cheiro de alfazema rescendia longe; o capitão Quinca ia lá e vinha cá, passeando com as mãos na cabeça, quando senão quando, no meio de semelhante fuzuê, um vaqueiro teve uma lembrança e falou prô fazendeiro: – "Capitão

Quinca, tenha fé em São Raimundo e na Virgem Maria que eu vou ver se dou um jeito com a *inspriença* do cabresto. O Sr. me vá buscar aquele cabresto de cabelo de sua montaria". E virando-se para um meninote: – "Corre João, vai num pé e noutro, vai no cercado da lagoa, me traz o *cavalo Pombo Roxo*, que está pendo na baixa de capim!" Daí a pouco, o vaqueiro enfiava no *Pombo Roxo* o cabresto do dono e, mesmo em osso, porque o vexame era grande, lhe passara a perna. E começou a dar carreiras no pátio, dum lado para o outro, sem deixar que o cavalo descansasse. Quando já estava bastante suado, o vaqueiro apeou-se ligeiro na porta de casa, tirou o cabresto e ainda mais esfregou no suor do pescoço do animal esbaforido. Depois, correndo para dentro da alcova, pendurou a cabeçada do cabresto no pescoço de dona Chiquinha. Minha gente, foi santo remédio! No mesmo instante se escutou outro chorinho de menino por debaixo do pano..."

O jornalista Paulo de Melo Jorge,[13] correspondente do *Unitário* em Arneiroz (município de Tauá, no Ceará), publicou, na edição de 29 de janeiro de 1959: "Certa vez, em uma fazenda aqui localizada, uma pobre

mãe, há três dias sofria das dores do parto. Pois bem, a sua assistente, depois de havê-la dependurado de cabeça para baixo, mandou que a parturiente ficasse de pé no meio da *camarinha*, vestida com a camisa do marido, ostentando no pescoço um chocalho e com um chapéu de couro na cabeça com *barbicacho* enfiado. Só por esse meio – dizia a parteira – a criança poderia nascer".

Gétulio César,[14] outro estudioso do nosso folclore, adianta que também é hábito o seguinte: "O esposo põe o seu chapéu sobre a cabeça da esposa e dá, em seguida, três voltas em redor do leito".

Numa viagem que fez pelo sertão, Luís Cristóvão dos Santos[15] recolheu a seguinte crendice: "E ficamos, assim, hospedados na pensão humilde, esperando pelo grande acontecimento que estava por vir: o primeiro filho. Para isso havíamos chegado do sertão, onde, às vezes, não há médico nem parteira. E as crianças nascem como Deus é servido, a parturiente, naquela agonia, segurando uma chave e a assistente rezando oração para Nossa Senhora do Bom Parto".

Sobre o ato da parturiente segurar uma chave durante os trabalhos do parto, Gustavo Barroso [16] explica: "É uso muito espalhado

nos sertões cearenses e vizinhos o de dar uma chave a mulheres em trabalho de parto, ou pô-la, ao menos, no leito de dores da paciente. Que a chave tem poder sobrenatural é coisa sabida e antiga. Pega-se numa chave para evitar *mau olhado.* Ela isola, como, como nenhum outro talismã, o indivíduo das emanações perigosas, dos seres malignos. Mas a chave-amuleto de parturientes veio para a nossa gente dos latinos através da civilização ibérica, que nos amamentou. Nós encontramos essa superstição guardada na obra de Pompeius Festus, abreviador de Verrius, *De Significatione Verborum,* que Paulo Diácono ora resumiu, ora interpelou, como bem lhe pareceu. Eis o que nessa obra se lê: "Clavim partus facilitatem". isto é: "Chave – Era costume dar uma chave às mulheres como símbolo de felicidade do parto".

Nas cidades mais próximas da capital,onde o povo é mais politizado, uma superstição ainda hoje é respeitada porque criou raízes bem profundas nas classes populares. É a que aconselha a nunca pôr o nome de Gétulio antes de o filho nascer. Se tal acontecer, a criança dará um trabalho enorme para deixar o ventre materno...

... E católicas na sua maioria, as mulheres,

durante a gestação, costumam fazer promessas aos santos da sua devoção e, durante o parto, entre gemidos, pedem a proteção de Nossa Senhora Santana, Nossa Senhora do Bom Parto, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Ó. Daí, o grande número de Dasdores, de Conceição, de Santana, de Maria, de Maria do Ó, Maria Auxiliadora, no Nordeste.

Lá para as tantas e até que enfim, é escutado o choro da criança. Todo mundo cria alma nova.

É um machinho, seu Antônio, grita a *comadre* ainda com muita coisa a fazer.

Pode acontecer que o menino nasça *laçado* pelo cordão umbelical. É preciso, então, que a *comadre* desfaça o laço, o mais depressa possível, para o recém-nascido não morrer enforcado. Mas, sobrevivendo, deverá ter o nome de José ou Maria José, conforme o sexo. Dizem que a criança nasce *laçada* quando é muito buliçosa na barriga da mãe. Dá tanta volta que acaba se embaraçando no próprio cordão umbilical.

Assim que a mulher *descança* é deitada de lado pela parteira que se senta sobre seus quadris que é para a bacia fechar logo.

O dia foi de luta, que se prolongou pela

madrugada a dentro.

Para expelir a placenta, nada como a oração de Santa Margarida:

Minha Santa Margarida,
Nem estou prenha nem parida.
Tirai estas carnes podres
Dentro da minha barriga...

A parteira, então, responde: Paris terra! paris; com os poderes de Deus e do Divino Espírito Santo, amém. A parturiente ajudava, soprando numa garrafa". [17]

No caso da mulher *passar*, isto é, ter *esmorragia*, dona Tutu tinha boas meizinhas que durante muito tempo sempre deram excelentes resultados. Três olhos de erva-cidreira, machos, três olhos de mangericão, machos; três olhos de malva branca, machos, botar num pouco de água quente, abafar e dar à mulher. Num instante o *sangueiro* passava. E se o chá não desse resultado. dona Tutu ainda tinha outro melhor: chá de caixa de charutos, muito melhor do que injeção.

A hemorragia é uma das principais causas da morte de parturientes no Nordeste.

Jósa Magalhães[18] menciona muitas *meizinhas* indicadas para combater a

hemorragia pós-parto. Uma parteira lhe informou que vestir uma ceroula do marido sempre dá bons resultados. Para estancar qualquer tipo de hemorragia nada como fazer o seguinte: "Coloca-se uma foice desencabada na parte trazeira do pescoço, ou, então mete-se uma faca no sangue que corre e com ela se faz uma cruz de sangue na testa da paciente e, depois, enterra-se a faca no pé da forquilha que sustenta o pote de beber água".

Também é bom para fazer estancar a hemorragia da parturiente "dar um nó na fralda da camisa, encruzando no mesmo dois alfinetes".[19] Mas, para conseguir êxito, é necessário que seja feito pela própria doente

Outra maneira de fazer cessar hemorragia de parto é relatada por Irineu Pinheiro:[20] "Sempre houve em nosso interior, até hoje, curadores que estancam hemorragia, segundo afirmam, tomando sangue de palavra e dizendo baixinho:

– Sangue tem em si,
Como Nosso Senhor Jesus Cristo
teve no horto.
Sangue que tem na veia
Assim como Nosso Senhor Jesus Cristo
teve na ceia.

Rezam, em seguida, três ave-marias, três padre-nossos, oferecidos às cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. É remédio que julgam infalível".

O maior inimigo da parturiente da zona rural nordestina ainda continua sendo a febre puerperal. Ajudando o marido nos trabalhos do roçado, da criação e da casa de farinha; cozinhando e costurando para a família toda; mal alimentada e tendo um filho cada ano, a parturienta se encontra depauperada por ocasião do parto e sujeita às infecções provenientes da falta de higiene. Daí,a incidência da febre que tem um campo aberto e tranqüilo para ceifar vidas tão heróicas e tão preciosas.

Gonçalves Fernandes [21] nos fala de uma beberagem na composição da qual vamos encontrar pimenta do reino, sal, alho, um cálice de vinho e um pouco dágua. Não sei se é a mesma beberagem mencionada pelo mestre Cascudo para facilitar os trabalhos do parto, conhecida por *cabeça de galo* e composta dos seguintes ingredientes: pimenta do reino, água, sal e alho. Contra o mal da febre puerperal o chá da casca da aroeira é muito bom. O defumador feito com as folhas dá excelentes resultados.

Mas, graças a Deus e ao Menino Jesus,

tudo saiu muito bem.

No dia seguinte, logo bem cedinho, o filho mais velho - um garoto de seus doze anos, mas já com ares de homem - montado no cavalo rudado do pai, vai até a vila e, aos parentes e amigos, anuncia a boa nova:

– Bom dia, seu Pedro. Papai manda dizer ao senhor e a dona Filomena que mamãe *descansou* e que lá em casa tem mais um criadinho às ordens.

NA ALEGRIA, O CHEIRO DE ALFAZEMA

Quando o menino nasce, a alegria é geral. A casa se enche de parentes, de vizinhos e de compadres que vêm olhar o recém-nascido, parabenizar os pais e tomar o *cachimbo*, sempre muito apreciado. Domina o ambiente o cheiro gostoso de alfazema, colocada sobre brazas numa lata de doce ou quenga de coco debaixo da cama. Antes, o menino é defumado, ocasião em que se diz, quando a fumaça envolve seu corpo:

– Nossa Senhora passou seu filho para cheirar. Boto o meu para ser feliz.

O assunto de conversa é o menino, como não poderia deixar de ser; com quem se parece, se é gordo ou magro, grande ou pequeno, a cor dos cabelos.

Surge, em seguida o problema do nome que o *bichinho* vai receber na pia batismal. Se a mãe, antes ou durante a aflição do parto, fez alguma promessa a algum santo de sua devoção, esta tem que ser cumprida porque promessa é promessa e acabou-se. Caso contrário, os pais ficam em dúvida entre o nome do chefe político ou o do santo do dia que vem na *folhinha*. Se nada ficar acertado e para não desgostar ninguém, batizarão o menino como José, que é nome de pobre.

Conta-se até o caso do pai que levou o filho para batizar, no domingo, depois da missa das nove. Interrogado sobre qual o nome do menino, o homem respondeu:

– É José Correia, seu vigário...

E o padre, já velho, cansado, vendo quase onze horas no relógio da sacristia, foi logo respondendo:

– O José eu boto logo aqui. A correia você bota em casa, quando quiser.

Há os que escolhem os nomes mais estapafúrdios que se possa imaginar. Gilete, Biotônico, Chevrolé, Eno e Guaraína foram

encontrados pelos funcionários do último Censo. Tais nomes não são frutos da ignorância dos pais e não se explicaria um Oswaldo de Andrade escolhendo Lança-Perfume Rodo Metálica de Andrade e Rolando Escada Abaixo de Andrade para nomes de seus filhos.

Mas, enquanto a família e os visitantes se preocupam com o *cachimbo*, com quem se parece o menino, com quem vai ser o padrinho, com o nome e outras coisas, a comadre ainda tem muito o que fazer.

Para que cessem as dores da *torta,* dores uterinas depois do parto, dona Tutu deita a mulher sobre um couro de raposa. Depois vai cuidar da placenta, que deve ser enterrada cuidadosamente em lugar que a parturiente não saiba, para não quebrar o *resguardo.*

E passa a explicar como é que deve ser feito o resguardo: "Oito dias de repouso, sendo que algumas mulheres se levantam até com trinta dias. A parturiente pode tomar sopa, caldo de galinha ou de carne de gado engrossado com farinha peneirada. Em matéria de peixe, só pode comer os que não forem *carregados*, como a traíra, o piau. O maxixe e o jerimum são considerados tabus porque são comidas *carregadas*".[22]

Depois de alguns dias, se tudo correr

bem, sem novidades, a mulher já pode comer pão-de-ló, se for bem batido e bem fofinho.

A higiene da mulher é feita pela parteira: banho de assento nos primeiros dias e banho completo só depois de quinze dias.

E o umbigo do recém-nascido?

O umbigo deverá ser cortado com uma sobra de dois dedos e amarrado com um bom cordão untado com sebo de carneiro.

O cordão umbilical deve ser enterrado sob a soleira de porta, para que o menino seja caseiro, amigo de sua casa. Outras pessoas costumam guardá-lo com medo de que seja comido por algum animal. Se tal acontecer, a criança ficará com os hábitos e os costumes do bicho.

A tesoura que se usou para cortar o cordão umbilical deverá ser guardada debaixo da cama. E ninguém deve mexer até que a parturiente se levante e o quarto seja varrido.

Para o umbigo do menino secar logo, dona Amália da Mota Silveira Barbosa, filha do Dr. Justino da Mota Silveira, médico que fez nascer quase uma região, me informou o seguinte: "Queima-se um pouco de pipiri

e coloca-se a cinza no umbigo da criança, até secar".

Depois que o umbigo cair deve ser jogado no mar, para que o menino seja feliz. Tembém pode ser enterrado no cruzeiro, na frente da igreja, no curral ou lançado no rio. Depois de cair, o umbigo nunca deve ser jogado fora porque se um rato roer, o menino será um ladrão, quando crescer.

Então, o pai, com a vida custando os olhos da cara e a casa cheia de filhos, pergunta à *comadre* o que é bom para não aparecer mais filho.

Para a mulher não ter mais filhos, segundo Guilherme Studart, [23] deve fazer o seguinte:

– Pegar no badalo do sino de uma igreja consagrada a São Sebastião.

– Engolir três caroços de chumbo, rezando três padre-nossos e três ave-marias.

– Por o nome do pai no último filho nascido.

– Por a mão sobre a pedra da ara.

Finalmente, dona Tutu está de partida.

Recebe sua paga, fala com todos e se despede da criança. Pela estrada segue a comitiva: um portador, dona Tutu e um cavalo com os presentes de garrafa de mel, uma galinha do pescoço pelado para comer em casa, um jerimum dos bons e outras coisas.

No caminho, dona Tutu ainda se lembra que deixou de fazer uma coisa: banhar o recém-nascido numa cuia de coité, para ser muito feliz.

Escapando de nascer *laçado*, da dentição difícil, do sarampo certo, da caxumba, da desidratação inevitável, da catapora, da coqueluche, da maleita e do amarelão, de tudo mais que atormenta a vida de um cristão nascido no Nordeste, ganha o Brasil mais um filho, mais um *cabra da peste* para pegar, desde menino, no cabo de uma enxada, cortar cana para a usina moer e fazer açúcar, plantar e apanhar algodão, laçar bois em disparada pelas campinas, ser poeta repentista para cantar as nossas belezas e os nossos heróis esquecidos, sofrer as estiagens mais prolongadas, tirar xilita do seio da terra árida, ser seringueiro na Amazônia, comer traíras e curimatãs quando aparecem, dançar o frevo, pegar sururu, tomar cachaça, engrandecer São Paulo, fazer Brasília, brigar na Europa com os *gringos* e ficar em Pistoia,

votar nos homens para deputado, servir de fantoche para os demagogos, comer farofa de jerimum com carne de sol, fazer Paulo Afonso dar energia elétrica, ser jangadeiro nos verdes mares bravios, ser cangaceiro de Antônio Silvino e Lampião, amar lindas caboclas e repetir, mais uma vez e sempre, o milagre da criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 MAYNARD ARAÚJO, Alceu. *Escorço do folclore de uma comunidade.* São Paulo: 1962.

2 CAMPOS, Eduardo. *Medicina popular do Nordeste* (3ª. ed.). Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1967.

3 VERÍSSIMO DE MELLO. Natal: *Folclore.* 1950

4 RAMOS, Graciliano. *Infância*: Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1945.

5 CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2ª. ed.). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.

6 CAMPOS, Eduardo. Ob. cit.

8 GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense.* Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

9 GONÇALVES FERNANDES. *O folclore mágico do Nordeste.* Rio de Janeiro: Civilizacão Brasileira Editora,1938.

10 MAGALHÃES, Josa. *Medicina folclórica.* Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1957.

11 MONTEIRO LOBATO. *Urupês.* São Paulo, 1925.

12 MOTA, Leonardo. *No tempo de Lampião.* Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

13 MAGALHÃES, Josa. Ob. cit.

14 CEZAR, Getúlio. *Crendices no Nordeste.* Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

15 CRISTÓVÃO DOS SANTOS, Luís. *Brasil de chapéu de couro.*

16 BARROSO, Gustavo. *O sertão e o mundo.*

17 CEZAR, Getúlio. Ob. cit.

18 MAGALHÃES, Josa. Ob. cit.

19 CÉZAR, Getúlio. Ob. cit.

20 PINHEIRO, Irineu . *O cariri.* Fortaleza, 1950

21 GONÇALVES FERNANDES. Ob. cit.

22 MAYNARD ARAÚJO, Alceu. Ob. cit.

23 STUDART, Guilherme. *Usos e superstições cearenses* in Revista da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, 1910.

GLOSSÁRIO

AGUARDENTE DE CABEÇA: "A cachaça que faz o melhor "colarinho" é "a de cabeça", isto é, a primeira que sai do alambique".[1]

BALIADEIRA: O mesmo que *baladeira, bodoque, atiradeira, estilingue.* Brinquedo muito do agrado dos meninos da zona rural nordestina. A baliadeira está para o menino como a peixeira para o adulto; ambas são guardadas ou conduzidas à cinta.

BARATAS, ESTAR NAS: Diz-se quando a mulher começa a sentir as dores do parto que, de tão fortes, lhe dão vontade de subir pelas paredes, como as baratas. Foi a explicação que consegui.

BICO: Segundo Pereira da Costa,[2] "guarnição ou peça de desenho variado, larga ou estreita, terminando ao correr da extremidade em bicos ou pontas angulares semicirculares, harmônicamente dispostas, para enfeites de toalhas, lenços, fronhas, roupas de crianças e mulheres e outras peças de tecidos. Feito de linha branca, com bibros, sobre um *pique* ou modelo em

papel encorpado colorido de amarelo à gengibre e preso à almofada, vem desses recortes ou bicos da peça, a sua denominação entre nós como a de bicão na Bahia". Sobre o assunto, leia-se o trabalho *A Arte da Renda no Nordeste*, de Leite Oiticica, com apresentação de Gilberto Freyre e introdução de Sylvio Rabello, republicado no "Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais", nº. 15, Recife, 1966.

CABRA DA PESTE: Como são chamados os nordestinos.

CAMARINHA: Quarto de dormir. É sempre gostoso relembrar a infância:

A benção Dindinha Lua
Me dê pão com farinha
Para dar à minha galinha
Que está presa na cozinha.

Chô! galinha!
Vai prá tua camarinha!

CAMBÃO DE MILHO: Caule do pé de milho que o gado come e os meninos aproveitam para fazer cavalos de brincadeira.

CAMBRAINHA: O mesmo que *oura*, tontura de cabeça.

CAÇULA: Renato Mendonça[3] dicionariza: "s.m.; o filho mais moço. Do quimbundo *Kazuli*, o último da família".

CAPÃO: Registra Pereira da Costa[4]: "Galo castrado, ou capado, para ceva, de onde vem o termo nesta acepção".

CARREGADO: Explica Pereira da Costa:[5] "Nocivo, que faz mal, causa danos à saúde, como se diz de certas carnes e peixes que bolem com os humores. Há um ditado que diz: Não enjeite peru por magro nem pato por carregado". As comidas carregadas são, na opinião do povo: todo peixe de couro (*curimatã*, de água doce; os de escama, de um modo geral, não são carregados), bacalhau, peru, pato, tatu, fato (miúdos), carne de porco, fruta que tem pico (abacaxi, coração da India ou graviola), muçum, *ribaçã*, (também conhecida por pomba-de-arribação, arribação, arribaçã, ribaçã ou rabaçã, pomba-de-bando, pomba-do-sertão, pomba-pararu, parari, pairari ou bairari, avoantes, caridigueira, cardinheira) e caranguejo, principalmente nos meses que têm a letra "r": janeiro, fevereiro, março, abril, setembro, outubro, novembro e dezembro.

CASTANHA: Comenta Beaurepaire-Rohan[6]: "Nome vulgar de diversas frutas, embora nenhuma relação tenha com a *castanha vulgaris* proveniente da Europa. Entre nós, porém, à dicção castanha se associa logo a idéia da do caju, cuja noz ou amêndoa, além das suas preconizadas virtudes e aplicações várias, assada ou confeitada, é saborosa e de um paladar superior ao das amêndoas doces". No tempo do caju, os meninos costumam se distrair com as castanhas por meio de jogos os mais variados como castelo, *encosto*, etc. Sobre o caju e a castanha nada como *O cajueiro Nordestino*, de Mauro Mota, que esgota o assunto.

CAVALO RUDADO: "Diz-se da pelagem equina branco-suja, com manchas apataracadas de tonalidades mais

fortes", segundo Oswaldo Lamartine de Farias e Guilherme de Azevedo.[7] Mas, Aurélio Buarque de Holanda[8] grafou a palavra "rodado", com "o": "Diz-se do cavalo que tem pelo branco e preto, formando esta cor malhas redondas (esta significação muito corrente no nordeste do Brasil, e algo antiquada em Portugal)".

COLARINHO DE CACHAÇA: O mesmo que *colar*. No nosso trabalho sobre cachaça,[9] explicamos: "Basta sacolejar a garrafa da que *matou o guarda*: se fizer um colar ou colarinho formado por bolhas de ar no gargalo, é da boa".

COMADRE: Parteira, *cachimbeira, aparadeira*. Os pais do recém-nascido sempre ficam chamando a parteira de *comadre* e o menino lhe pede a bênção, como afilhado.

CORTIÇO: Local em que as abelhas se criam e fabricam o mel e a cera. No Nordeste, é feito com um tronco de árvore seco medindo pouco mais um metro de comprimento, ôco, pendurado por cordas no alpendre da casa.

CUIA DE COITÉ: Coité, e variação de cuité.[10] Pereira da Costa[11] diz: 'Coité é o fruto da bignoniace coiteseira *(Crescentia cujete,* L.) da nossa flora; espécie de cuia feita do mesmo fruto, partido pela metade e tirada do pericarpo ou casca, toda a polpa que contém".

DESCANSAR: Dar à luz, parir, ter *menino*.
DESEJO: Segundo Aurélio Buarque de Holanda[12] "vontade forte de comer alguma coisa vista ou

imaginada". Acrescenta Pereira da Costa[13]: "A vontade, o desejo que a mulher no seu estado interessante ou de *esperanças*, segundo a expressão moderna, manifesta de comer alguma coisa, e que não satisfazendo, diz o vulgo, provém daí abortar, nascendo o feto de boca aberta como manifestação do não atendido desejo". O folclorista Câmara Cascudo[14] ilustra: "Um episódio policial de 1900 teve, na cidade de Natal, a mais lisonjeira repercussão. O chefe de Polícia. Dr. Francisco Carlos Pinheiro da Câmara, mais conhecido por Chico Farofa, ouviu de um ladrão de galinhas a explicação de que o furto fora cometido pela necessidade de atender ao desejo da sua mulher grávida. Mandou-o pôr em liberdade, pagando o preço das galináceas, a fim de não prejudicar a gestante".

ESTÔMAGO EMBRULHADO: Com vontade de vomitar, de *dar de comer a Pery* (cachorro), como se diz por aqui.

FICAR NO CANTO: Situação em que fica o filho mais novo quando deixar de ser *caçula,* cedendo seu lugar na beira da cama ao recém-nascido e passando para o canto, relegado a um segundo plano.

FOICE: Conforme Aurélio Buarque de Holanda[15], "instrumento curvo para ceifar". No Nordeste é comumente fabricada com lâminas de fecho-de-molas de veículos, o mesmo material empregado na confecção de *peixeiras*.

FUZUÊ: Festa, confusão, barulho.

GALINHA CHOCA: Diz-se da galinha que interrompeu a postura e se presta para deitar e tirar pintos.

MALVA BRANCA: "Planta de família das malváceas *(Sida Carpinifolia, L.)*. Sinônimo: vassoura".[16]

ACABANADAS (ORELHAS): São orelhas grandes e muito abertas e seus portadores são chamados de *açucareiros*, por semelhança.

OURA: Tontura, vertigem; o mesmo que *cambrainha, chilique, avestruz.*

PAMONHA: Segundo Teodoro Sampaio, citado por Pereira da Costa,[17] a palavra pamonha vem do tupi, pamuna, certas comidas preparadas pelos índios com milho ralado. É preparado com a massa do milho verde temperada com leite de coco e açucar e cozido, depois envolta na palha do próprio milho". Guloseima muito comum e apreciada durante as comemorações juninas, ocasião em que o milho está no tempo de colher.

PIRIRI: Planta herbácea da família das *ciperáceas (Rynchopora Setacea, Val.)* a qual vegeta nos pântanos[18] e usada na fabricação de esteiras.

POTE: Vaso de barro para transportar ou guardar líquidos.

QUENGA DE COCO: "A metade do endocarpo de um coco".[19] Serve como recipiente nos mais diversos trabalhos domésticos. O povo costuma dizer: *Besta* (tolo) é coco, que tem três olhos e não vê.

RAPADURA BATIDA: Ensina o mestre Cascudo:[20] "Rapadura com tratamento especial, tendo erva-doce,

castanha de caju, de sabor peculiar e sobremesa favorita nos sertões nordestinos". Até sua forma é diferente da rapadura comum. Enquanto a comum é fabricada em tijolos grandes ou pequenos, a rapadura batida não tem forma geométrica própria; ela é como queijo de saco, embrulhada em folha de bananeira seca. E é mole, pastosa.

TIMÃO: Conforme Pereira da Costa,[21] "vestimenta de menino para dar em casa ou sair à rua, até certa idade". O timão do batizado é sempre o mais bonito e geralmente oferecido pela madrinha.

TORRADO: O mesmo que rapé. Os tomadores de *torrado* costumam usar uns lenços enormes e coloridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (Glossário)

1 SOUTO MAIOR, Mário. *Cachaça*. Rio de Janeiro: IAA, 1969/70.

2 PEREIRA DA COSTA, *Vocabulário pernambucano*. Recife: Imprensa Oficial, 1937.

3 MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

4 PEREIRA DA COSTA. Ob. cit.

5 PEREIRA DA COSTA. Ob. cit.

6 BEAUREPAIRE-ROHAN. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1956.

7 LAMARTINE DE FARIA, Oswaldo e AZEVEDO, Guilherme. *Vocabulário do criatório norte-riograndense*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1966.

8 BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

9 SOUTO MAIOR, Mário. Ob. cit.

10 BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. Ob. cit.

11 PEREIRA DA COSTA. Ob. cit.

12 BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. Ob. cit.

13 PEREIRA DA COSTA. Ob. cit.

14 CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Coisas que o povo diz*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1968.

15 BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. Ob. cit.

16 BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. Ob. cit.

17 PEREIRA DA COSTA. Ob. cit.

18 BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. Ob. cit.

19 BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. Ob. cit.

20 CÂMARA CASCUDO, Luís da. Ob. cit.

21 PEREIRA DA COSTA. Ob. cit.

OPINIÕES SOBRE COMO NASCE UM CABRA DA PESTE

PEREGRINO JÚNIOR: " *Um belo livro*".

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA: "Como nasce um cabra da peste *faz-me muito bem ao espírito carregado de leituras pesadas. Além de ser puro folclore, está tudo muito bem contado, em excelente qualidade literária; com um humor espontâneo e despretencioso*".

MAURO MOTA: *"O trabalho, na sua expressão leve e ágil, sem qualquer ranço científico, vale duas contribuições: uma, direta, a contribuição para a cultura popular num aspecto ainda não pesquisado assim com tantas minúcias pitorescas; outra, indireta: a das práticas tradicionais ainda prevalecentes, e que tanto contribuem para os elevados índices da mortalidade infantil na zona rural do Nordeste*".

GLADSTONE VIEIRA BELO: " *E mais: Souto Maior alia, em seu ensaio, a rigidez da exposição factual e objetiva à uma linguagem literária, atingindo, vez por outra, aquela atmosfera de romance, em que a*

tessitura da narrativa se desenvolve quase novelisticamente".

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO: *"Leitura deliciosa e ágil, comunicado ágil e brilhantemente uma pesquisa proveitosa".*

NILO PEREIRA: *"Muito bom é que essas coisas sejam conservadas pelos investigadores idôneos, que, à maneira de Mário Souto Maior, sabem ir às fontes".*

ORLANDO PARAHYN: *"O livro esgota o assunto dentro do aspecto a que se propõe o autor: o estilo enxuto confere ao trabalho um que de autenticidade indiscutível" Queremos salientar que Mário Souto Maior produziu um livro interessante e capaz de atestar os dotes de qualidade de pesquisador da nossa sociologia rural que ninguém, em sã consciência, lhe regateará após a leitura desse trabalho sincero e instrutivo. Mais um mestre a serviço do conhecimento e divulgação da cultura popular do Nordeste.*

LUIZ DELGADO: *"A leitura do depoimento pessoal que abre o seu livro, ou do período, o simples período final com que se conclui o texto, revela um poder de expressão pessoal que excede a simples anotação objetiva dos costumes anônimos. O modo como o Sr. Mário Souto Maior tira da sensibilidade as palavras com que se exprime, e o movimento livre e fácil que lhes impõe, levam-me a pensar que deve fazer-se antes criador do que mero anotador. Eis um caso raro atualmente: o de um escritor e quem se deve dizer que tenha mais confiança em seus recursos..."*

ZILDE MARANHÃO: *"Mário Souto Maior é um folclorista inteligente. Sabe ir, sem ranço, numa linguagem de cheiro de curral e majericão, de naturalidade clara..."*

DULCE CHACON: *"Destaca-se logo a facilidade com que o professor Souto Maior escreve num estilo agradável e atraente para o leitor sem falar nas boas risadas e nas reflexões que fará diante dos capítulos..." (...) "Possui o autor capacidade para nivelar-se aos nossos melhores folcloristas..."*

GERALDO CARVALHO: *"Uma contribuição válida e oportuna para o nosso folclore".*

J. GONÇALVES DE OLIVEIRA: *"Nota-se, no autor, uma acuidade especial na percepção de certa fenomenologia social que chaga a despir – ao que nos parece – o sociólogo latente que existe nele e apenas adormecido e desviado para outro tipo de experiência especulativa". (...) "O autor viu tudo isso e mais o pitoresco, o trágico (no sentido unamuniano da vida), o grotesco, o lírico e o dramático de um povo. Muito mais: a "inteligência" da razão, da intuição e do instinto jacentes num certo tipo de homem nordestino".*

NELSON SALDANHA: *"Pequenino mas exemplar em seu gênero, e encantador pelo conteúdo. Despretencioso, desde a autobiografia que o abre, sua despretenciosidade (não sei se aparente) se compensa com uma naturalidade de estilo verdadeiramente*

cativante. Seria como que uma notícia, depoimento ou reportagem abstrata contando o nascimento das crianças no interior nordestino e fixando as crendices e os costumes mais representativos, ou mais curiosos".

LUÍS DO NASCIMENTO: *"... conseguiu dar o máximo em torno do assunto e, deixe-me dizê-lo sinceramente, com que maestria!"*

VERÍSSIMO DE MELO: *"O tom leve que dá a todo o trabalho, também me agrada. Nada de coisa maçuda. Quilométrica. Você dozou as crendices em pequenos capítulos agradáveis à leitura'. (...) "O final do livro é delicioso. Você deu quase uma forma poética ao nascimento do* cabra da peste. *Excelente".*

ONOFRE LOPES: *"Admirei no seu ensaio, a par da seriedade de pesquisador, a amenidade do estilo e a naturalidade com que versou os diversos aspectos do tema de tão grande e nordestina expressividade".*

JOÃO CHIARINI: "Conseguiu uma esplêndida síntese num livro de bolso. É um volume sólido, autêntico e que enriquece a literatura cangaceira".

HERMILO BORBA FILHO: *"... obra útil que me fez voltar à meninice em Palmares quando ouvia, da boca do povo, todas aquelas superstições que tão poeticamente são tratadas no que escreveu".*

DANTE DE LAYTANO: *"Ótimo e bem escrito livro, aliás uma contribuição não apenas curiosa no campo do folclore mas animada de uma viva prova testemunhal*

recolhida no habitat rico de tradições populares de seu Pernambuco de tanta história, presença e beleza. Como nasce um cabra da peste *é antológico e registra em linguagem agradável em português dignificado alguns magnificos estágios da alma popular no trânsito pelas regiões nordestinas, depositária de uma vivência imaculada de sonho de gente simples que faz folclore".*

ANTÔNIO CASTILLO DE LUCAS. ESPANHA. *"Es un trabajo breve, sustancioso, y de gran valor para el folklore médico-tocológico".*

ANTÔNIO POMPA Y MÉXICO: *"Livro lleno de sugerencias y de enfoques interessantes dentro de um concepto no sócio-folklórico sino antropológico, ademais de estar escrito en forma accesible que produce una satisfacción de recorrer parágrafo. Mis felicitaciones por esta joyta".*

JAYME GRIZ: *"É, na verdade, um invulgar e atraente informativo de coisas e gente de uma das mais pitorescas e sofridas regiões do país".*

WALDEMAR VALENTE: *"Neste livro, Mário Souto Maior revela-se sério estudioso da Medicina Popular".*

Produzido pela *20-20 Comunicação e Editora* em
co-edição com a *Editora O Curumim Sem Nome*
e impresso na Recife Gráfica e Editora
em abril de 1997.
Acompanha esta edição um CD PLAY
com som original, narrado pelo autor,
com efeitos sonoros, facilitando
a leitura do livro.